CORDEL
ASAS NEGRAS

CÁRLISSON GALDINO

Creative Commons

desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Cárlisson Borges Tenório Galdino

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: http://www.carlissongaldino.com.br/.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host do podcast sobre política e notícias Politicast: http://politicast.info/.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram

vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

Tentando atingir um certo dinamismo narrativo, o cordel Asas Negras tem dois estilos: em um momento se assemelha a uma sucessão de sonetos, tendo uma quadra e dois tercetos, todos decassílabos (versos de dez sílabas poéticas), na rima x-A-y-A B-B-C B-B-C; em outro momento apresenta quadras em redondilhas maiores (versos de sete sílabas poéticas), com estrutura de rima A-B-A-B.

2011

Era uma casa simples no serrado
O Sol batia às cinco na janela
Sai Dun pro novo dia de trabalho
Sai Omora a varrer a casa dela

E ainda dorme Clais, sono profundo
E Hink, seu irmão, no quarto junto
Um menino e uma moça donzela

A Clais despertará em um segundo
E Hink, pra aborrecer todo mundo
É dia e todo dia a vida é aquela

Dun, o pai da Clais vive do campo
Cortando lenha como um condenado
Omora, sua mãe, dona de casa
Trabalha ela também outro bocado

E Hink, seu irmão, ainda moleque
É um carro de corrimão sem breque
Brinca com tudo certo e tudo errado

E Clais sonha, antes que a vida seque
Viver e a aflição é o que consegue
E tempo pra viver tendo um bocado

Ó que vida! Clais lamenta
Lá no topo da igreja
Quer morrer! A dor aumenta
Pois viver é o que deseja

"Ó que louca!" O povo grita
Lá do chão, olhando a Clais
"Vai pular!" A gente aflita
E ainda vem chegando mais

Ó que vida! A vida é cruel
Numa cidade de interior
O que será? Inferno ou céu?
Poderia ser pior?

Um brinquedo vai ao chão
Lá da esquina, no outro lado
É o Hink, seu irmão
Que a olha paralisado

Aves passeiam no azul
Clais queria ir também
Com asas de uirapuru
Ir bem rápido, ir além

Mas a vida é uma prisão
Com um braço machucado
Está distante do chão
Chora dali do telhado

No mundo sempre foi só
Baixa a cabeça descansa
Fecha os olhos contra o Sol
E vem aquela lembrança

- Ó Clais, a vida não é sempre ruim
Ó Clais, amiga, não fique tão triste
Há muita coisa chata por aí
Mas muita coisa boa também existe

- Yendi, não se preocupe comigo
Sei que a vida é boa, mas não consigo
Ver isso mesmo quando a gente insiste

- Ó Clais, só precisa de um ombro amigo
É só uma fase, ouça o que te digo
Verás um mundo bom se ainda não viste

- Yendi, sei, não quer me ver sofrer
Mas esse sofrimento é que me ensina
A viver essa vida ruim, viver
Sei que vou me afogar, e a chuva é fina

- Ó Clais, pára com isso, vou embora
Você é nova e linda, ria agora!
Pois sofrer desse jeito não combina

- Yendi, se quer há rua lá fora
Não estou triste pra estar na moda
Tristeza é minha vida; a dor, a sina

"Nem mesmo minha amiga mais amiga
Entende o sofrimento que me mata
Que vá embora então, não a chamei!
Vem porque quer, então vá, sua ingrata!"

"Nem sei dizer donde vem a tristeza
Só sei que contra ela não há defesa
Ela vem e se instala e me maltrata"

"Se a vida é uma lata de surpresa
Trazendo algo de bom, tenho certeza
Que alguém abriu primeiro a minha lata"

Ia Clais pelo mundo entristecida
Olhando o rio, o verde, bicho e gente
Buscando uma resposta sem saída
Chorando por saber: ninguém a entende

Nem seus pais, irmão ou quem mais tentasse
Nem sua amiga ou mais ninguém da classe
Ninguém sabe sentir o que Clais sente

Como se um sonho estranho terminasse
O sol que queima forte à sua face
Lhe traz de supetão para o presente

A multidão se juntou
Assiste a vida de Clais
Cidade do interior
E um assunto pros jornais

Não há quem suba na igreja
Não há quem estenda a mão
Mas isso ela não deseja
Já sabe como eles são

"Ó vida cruel essa minha"
Pensa, não há esperança
Se é que isso ela tinha
O vento quente a balança

E logo Clais se levanta
Olhando toda essa gente
Sua angústia nunca foi tanta
Olha ao redor novamente

"Será que eu estou louca?"
Diz ao olhar pro seu lado
Ao ver com nitidez pouca
Um jovem anjo alado

- Meu nome é Shad, meu bem
Ele no mesmo telhado
Agachado aos poucos vem
De asas de um branco azulado

Pra Clais falta voz agora
"De onde ele veio? De onde?"
Ele a segura e decola
Levando Clais para longe

Nos braços desse anjo voa Clais
"Que lindo anjo os céus me têm mandado!"
Muito além de onde estavam ele vai
Até o porão de um lar abandonado

E o que agora restou pra essa moça?
Não há palavras mais, ou choro ou força
Só o delírio de ao céu ter chegado

E como o sonho de uma jovem louca
O anjo lhe abraça e busca a boca
Distantes do mundo civilizado

E a dor se torna em êxtase no beijo
E os olhos fecham, escondem novo brilho
E a tristeza se transforma em desejo
Desejo de ser dele e possuí-lo

No seu pescoço, a dor e ela deseja
São dentes que lhe cortam sem que veja
Língua, dentes e o que faz sentido?

E a força, que era pouca, já lhe deixa
Dormência e paz, mas a Clais não se queixa
E fecha os olhos pra jamais abrí-los